

## **Retratos do Patrimônio Arquitetônico Neoclássico Brasileiro: a Casa de Frontaria Azulejada de Santos e proximidades visuais<sup>1</sup>**

### **Portraits of the Brazilian Neoclassical Architectural Heritage: Casa de Frontaria Azulejada Santos and visual proximities**

 **Claudio Walter Gomez Duarte<sup>2</sup>**

 **Juliana Figueira da Hora<sup>3</sup>**

 **Marília Gomes Ghizzi Godoy<sup>4</sup>**

#### **Resumo**

O cenário arquitetônico neoclássico brasileiro ordena como símbolo icônico significativo a Casa de Frontaria Azulejada, situada no contexto urbano da cidade de Santos (Estado de São Paulo). Entende-se neste artigo a análise da fachada deste edifício datado de 1865, como um estudo de caso tributário das antigas paisagens e marcas do urbanismo. Uma linguagem comparativa de sua identidade com edifícios de Santos (Antiga Alfândega de Santos), Rio de Janeiro (Academia Imperial de Belas Artes), de Recife (Academia Pernambucana de Letras) e de Gerasa (Arco de Adriano). Revela correspondências de conteúdos que traduzem o objetivo do artigo na definição neoclássica dos movimentos arquitetônicos brasileiros. Uma linguagem comparativa de sua identidade com edifícios de Santos (Antiga Alfandega de Santos), do Rio de Janeiro (Academia Imperial de Belas Artes).

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma pesquisa desenvolvida na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES, que faz parte da temática “Baixada Santista: ações e gestão sobre o patrimônio arqueológico e cultural”.

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP. Professor do Programa de Graduação em Arqueologia da Universidade Metropolitana de Santos UNIMES. E-mail: claudio.duarte@unimes.br.

<sup>3</sup> Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE). Professora do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: jfhora@prof.unisa.br.

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Programa de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: mgggodoy@yahoo.com.br.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Neoclássico; Santos.

### **Abstract**

The Brazilian neoclassical architectural scenario commands the Casa de Frontaria Azulejada, located in the urban context of the city of Santos (State of São Paulo) as a significant iconic symbol. It is understood in this article the analysis of the facade of this building dating from 1865, as a tributary case study of the old landscapes and marks of urbanism. A comparative language of its identity with buildings in Santos (Former Alfândega de Santos), Rio de Janeiro (Academia Imperial de Belas Artes), Recife (Academia Pernambucana de Letras) and Gerasa (Arco de Adriano). It reveals content correspondences that translate the objective of the article into the neoclassical definition of Brazilian architectural movements.

**Keywords:** Heritage; Neoclassical; Santos.

### **Introdução ao neoclássico**

Mais do que um estilo que antecipa o ecletismo, o neoclássico foi um movimento cultural que surgiu na Europa em meados do século XVIII. Como reação racionalista às tradicionais emotividades barrocas do século XVII. Compreende-se a projeção do imaginário humanista clássico onde caminham as imagens e limiaridades da modernidade (vide discussão em Rozestraten, 2011). Na arquitetura, o termo neoclássico significa uma apropriação adequada ou sóbria da linguagem arquitetônica grega e romana. Apresentam-se como principais características dessa arquitetura a adoção das ordens<sup>5</sup> arquitetônicas gregas (dórica, jônica, coríntia) e das ordens romanas (toscana e compósita). A simetria é sempre uma característica fundamental,

---

<sup>5</sup> Altura do conjunto de elementos arquitetônicos formado por coluna e entablamento. O que caracteriza as diferentes ordens são o tratamento dado aos capitéis, friso, coluna, perfil e base, essencialmente.

ao empregar com precisão elementos típicos como: frontão<sup>6</sup> triangular, colunatas<sup>7</sup> e arcos<sup>8</sup> plenos (MARQUES JÚNIOR; DE CARVALHO, 2011, p.16). Entende-se que:

O Panthéon [de Soufflot, Paris, 1756] é o primeiro edifício de importância que pode ser chamado de neoclássico – sendo o “neoclassicismo” a expressão que veio a ser usada para designar a arquitetura que, por um lado, tende à simplificação racional defendida por Corderoy e Laugier e, por outro lado, busca apresentar as ordens com a maior fidelidade arqueológica. Razão e arqueologia são os dois elementos complementares que caracterizam o neoclassicismo e que o diferenciam do barroco (SUMMERSON, 2009, p. 94).

Um exemplo genuíno de neoclassicismo ocorreu na Inglaterra em 1631, com a construção da Igreja de São Paulo em Covent Garden, de Inigo Jones (fig. 1) (SUMMERSON, 2009, p. 94). Trata-se de um edifício que reflete a ordem toscana relatada por Vitruvius em *Tratado de Arquitetura*. A Inglaterra foi pioneira em reviver a arquitetura grega a partir de 1790, movimento arquitetônico conhecido como *Greek Revival*. Derivou-se das publicações feitas pelos ingleses James Stuart e Nicholas Revett (1762) sobre edifícios gregos, após sua viagem para Atenas em 1751. Outro pioneiro foi o francês Le Roy, que em 1758 publica um livro de cunho mais artístico. Os ingleses reproduziram com precisão desenhos de edifícios clássicos como o Partenon e o templo de Hefesto, referências fundamentais para o estudo e a reprodução da arquitetura grega do século XVIII em diante (SUMMERSON, 2009, p. 96; SOUSA, 1994, p. 30).

---

<sup>6</sup> Trata-se de um acabamento triangular dado às arestas do telhado. Este se apoia no entablamento da fachada frontal e posterior do templo. É composto pelo tímpano, parede triangular cercada pela cornija horizontal, e a cornija inclinada (que difere da cornija horizontal lateral pela ausência de mútulos e gárgulas). A inclinação do frontão acompanha a inclinação do telhado. O espaço criado no frontão ou pedimento foi usado em muitos templos para acomodar uma série de esculturas que formam parte do grupo de esculturas arquitetônicas. A decoração do frontão por meio de estátuas é uma prática que remete ao arcaísmo. Outros elementos decorativos que se apoiam nas extremidades e no ápice do frontão são os acrotérios, que podem ser grifos, ornamentos ou estátua no ápice.

<sup>7</sup> Sequências alinhadas de colunas.

<sup>8</sup> São os arcos cuja curvatura se dá pela metade de uma circunferência

**Figura 1 - Igreja de São Paulo em Covent Garden, 1631, de Inigo Jones.**



Fonte: Wikimedia Commons, Steve Cadman, 2007.

Segundo Koch (2014, p. 59), de maneira sintética, o classicismo é o resultado artístico que toma como referência a Antiguidade e inclui nesse movimento a arquitetura do Renascimento. No começo, o termo foi utilizado para designar o estilo de pintura de Nicolas Poussin. Importante mencionar a presença da arquitetura clássica nas telas de pintores como David e Poussin. Em termos cronológicos, na Europa, este autor situa o estilo entre 1770 e 1830. Elementos arquitetônicos característicos da arquitetura neoclássica são os que compõem a tipologia do templo grego (vide figuras 2 e 3). O arco romano e cúpula também foram utilizados na arquitetura neoclássica. A maior dificuldade dos revivalistas foi adaptar o cânone do templo clássico às demandas da arquitetura contemporânea como, por exemplo, bancos, igrejas, edifícios públicos e privados em geral (ROTH, 2017, p. 432; CZAJKOWSKI, 2000a, p. 25).

**Figura 2 - Pesto, Itália: Templo de Posidon ou Hera II, ca. 460 a.C., ordem dórica**



Fonte: acervo pessoal, 2014.

O termo neoclassicismo foi cunhado no século XIX na França, em 1881, e até então era conhecido como “estilo verdadeiro”. Os intelectuais contemporâneos chamavam a arquitetura neoclássica de “moderna” ou “clássica”. Os primeiros países que adotaram a arquitetura neoclássica foram Inglaterra, França e Alemanha (CHING *et al.*, 2016, p. 605; CZAJKOWSKI, 2000a, p. 25).

**Figura 3 - Atenas: Templo de Atena Nike, ca. 427-424 a.C., ordem jônica.**



Fonte: acervo pessoal, 2012.

Conforme Sousa (1994, p. 26-27) o aspecto do edifício não o define necessariamente como neoclássico; como o exemplo de edifícios palladianos da primeira metade do século XVIII que têm aparência de edifícios neoclássicos, estão fora da cronologia ca. 1760-1840. O movimento parece estar ligado mais a referências teórico-filosóficas de autores como Laugier (1753), Winckelmann (1767) e Stuart e Revett (1762).

Na prática, o neoclassicismo adequou-se tanto aos espíritos democráticos quanto às mentalidades despóticas e inspirou-se ao mesmo tempo na Grécia, em Roma e no Renascimento; ele foi ora imitador, ora inventivo, e nem sempre foi severo como pretendeu-se com frequência que ele o fosse (SOUSA, 1994, p. 27).

### **Movimento neoclássico no Brasil**

No Brasil, a adoção do estilo neoclássico tornou-se visível no contexto da Independência. Em 1816 chegava à Corte uma “missão francesa” formada por artistas e arquitetos neoclássicos; contudo, somente em 1826, após a Independência, é que começa a funcionar a Academia Imperial de Belas Artes. O estilo foi consagrado pelos imperadores Dom Pedro I (1822-1831) e D. Pedro II (1831-1889). O estilo teve grande aceitação no país, embora tenha havido uma resistência por parte dos intelectuais, artistas e arquitetos portugueses na época, em relação a esses “franceses” no Rio de Janeiro. O neoclássico foi aplicado em fazendas, residências, edifícios públicos, igrejas e outras construções. Moradias mais humildes também adotaram o estilo. Em suma, de modo notório o estilo neoclássico recriou-se nos recursos de ocultar o telhado com uma platibanda e adotar o arco pleno nas fachadas. O neoclássico brasileiro adotou platibandas (com vários tipos de objetos decorativos como estátuas, vasos, pequenos obeliscos), arcos e colunatas (as de cantaria eram usadas somente pelas elites e pelo Estado). É importante salientar a força do neoclássico no Brasil, pois muitos edifícios coloniais sofreram reformas para contemplar a nova tendência. Foram aplicados até frontões triangulares. Segundo Sousa (1994, p. 37), pesquisas pouco aprofundadas creditam praticamente toda a nossa arquitetura neoclássica primeiro ao arquiteto Grandjean de Montigny (Missão Francesa) e mais tarde em Recife ao engenheiro Louis Vauthier, negligenciando assim a quantidade de arquitetos que foram responsáveis pela arquitetura neoclássica brasileira (MARQUES JÚNIOR; DE CARVALHO, 2011, p. 17; CZAJKOWSKI, 2000b, p. 8).

Sousa (1994, p. 32-33) defende que é impróprio chamar a arquitetura do nosso Segundo Reinado de neoclássica, uma vez que ela se inicia (1840-1880) quando o neoclassicismo europeu termina. Para este autor, o classicismo do Segundo Reinado pouco se parece com o classicismo europeu. As fórmulas consagradas raramente fazem parte da nossa arquitetura, como, por exemplo, o pórtico<sup>9</sup> e o frontão. No Brasil prevalecem as fórmulas renascentistas, e o revivalismo grego praticamente não existiu.

[...] o neoclassicismo europeu desenvolveu-se em cima de uma intensa discussão conceitual, o que representou uma de suas características principais. Quanto à nossa arquitetura classicista do Segundo Reinado, ela não foi alimentada por essa discussão – que já se encontrava um pouco distanciada no tempo – nem por qualquer outra discussão semelhante de sua época ou que lhe fosse própria (SOUSA, 1994, p. 33).

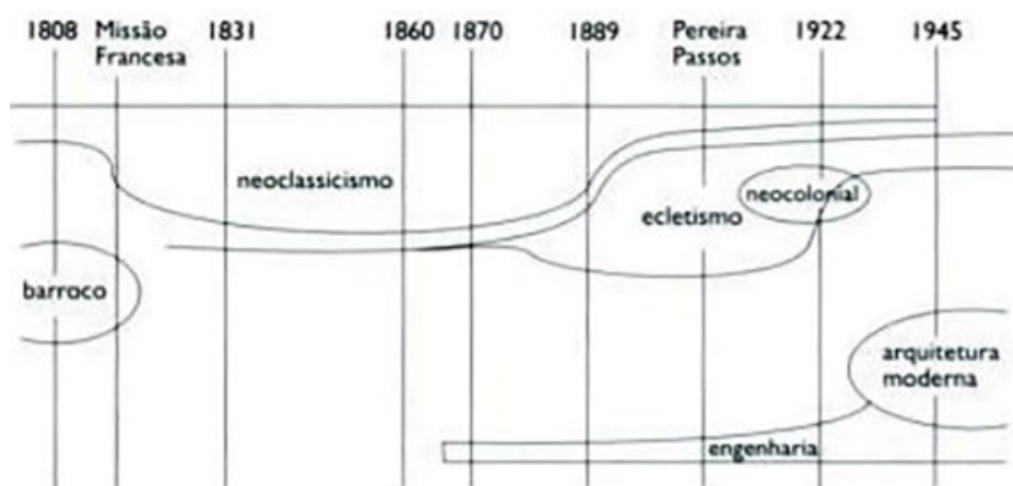
### **Santos durante o período Imperial**

Entre 1822 e 1830, Santos se consolidava como cidade portuária, exportadora de açúcar. Na época, a cidade era um vazão urbano que ia se preenchendo por ruas e residências entre a atual Praça da República e o Valongo (oeste). Essa situação aumenta quando o café vem substituir o açúcar como primeiro produto a ser exportado pelo Porto de Santos (fig. 10). Pelos anos de 1872, a população local atinge 10 mil habitantes, e a cidade se expande na direção de Paquetá e da Vila Nova. Nessa época a cidade ainda conta com os importantes edifícios do período colonial. Contudo, a tendência a partir de 1860 foi adotar o estilo neoclássico, conhecido também como o estilo Imperial (MARQUES JÚNIOR; DE CARVALHO, 2011, p. 15). Na figura seguinte pode-se visualizar os períodos marcantes da arquitetura brasileira.

---

<sup>9</sup> Alinhamento de colunas seguindo o sistema estrutural trilitico.

Figura 4 - Períodos marcantes da arquitetura brasileira entre (1808-1945).



Fonte: CZAJKOWSKI (2000b, p. 8)

### Arquitetura neoclássica em Santos

Santos ostentou, por um lado, grandes edifícios neoclássicos como a Antiga Alfândega (fig. 6), terminada em 1880 e demolida em 1924; por outro lado, eram construídas milhares de pequenas casas. Devido ao avanço da urbanização recente, pouco sobrou desse legado neoclássico. O bairro do Valongo abriga construções neoclássicas que sobreviveram às demolições do século XX. Outros exemplares que resistiram foram a Casa de Frontaria Azulejada, de 1865 (fig. 5) e os casarões do Largo do Marquês<sup>10</sup>. Os blocos foram concluídos em 1867 e 1872, e tiveram múltiplos usos – abrigando inclusive a sede da Prefeitura. Vítimas de incêndio mais tarde, os blocos foram restaurados e hoje abrigam o Museu Pelé (MARQUES JÚNIOR; DE CARVALHO, 2011, p. 18-20).

<sup>10</sup> Edifício situado no Largo Marquês de Monte Alegre, Valongo, compreendendo as ruas: Largo Marquês de São Vicente n.º 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11, Rua do Comércio n.º 138 e 144, Rua Comendador Ferreira Neto n.º 2, 10, 14 e 18, Rua Tuiuti. Tombamento: CONDEPHAAT, Proc. 429/74, Resolução SC n.º 4 de 3/2/83, CONDEPASA, Livro Tombo 01, inscrição 11, folha 3, Proc. 16731, Resolução SC 01/90. (CONDEPASA, s/d).



## Objeto de estudo

Originalmente, a Casa de Frontaria Azulejada<sup>11</sup> (fig. 5) foi construída para servir como residência e armazém para o comendador português Manoel Joaquim Ferreira Netto. Ficou conhecida pela sua arquitetura neoclássica e seus azulejos portugueses em alto relevo. Posteriormente adotou outras funções, tais como escritório, hotel, armazém de cargas e depósito de adubos químicos. Quando a casa foi desapropriada pela Prefeitura em 1986, a fachada estava seriamente danificada, sem teto e sem o andar de cima. Em 1992, a casa passou por um importante e preciso restauro<sup>12</sup> que contabilizou sete mil peças novas. De 1996 a 2005 funcionou em seu anexo o Arquivo Permanente e, a partir de dezembro de 2007, foi aberta ao público como Espaço Cultural Frontaria Azulejada. O edifício é localizado na Rua do Comércio, nº 92, 94, 96 e 98, em Santos (SP), e foi tombado por vários órgãos de proteção ao patrimônio, como mostra a lista publicada pelo CONDEPASA:

SPHAN, Proc. 0751-T-65, Livro Histórico inscrição nº 44, volume 1, fl. 72 em 03-05-1973, CONDEPHAAT, Proc. 22046/82, inscrito no Livro Tombo Histórico sob o nº 220, pág. 67, em 19/1/87, CONDEPASA, Livro Tombo 01, inscrição 02, folha I, Proc. 16731, Resolução SC 01/90 (CONDEPASA, s/d).

## Método

O método de análise aqui adotado é o método comparativo concentrado nas fachadas principais, representadas em ortografia ou elevações. Tal procedimento consiste em submeter o nosso objeto de estudo a uma comparação gráfico-formal com um grupo de edifícios escolhidos *a priori*. Os critérios de escolha foram a concepção arquitetônica da fachada principal e a cronologia da construção. Selecionou-se um monumento clássico do período imperial romano, um carioca, um pernambucano e um santista do período imperial brasileiro. Os aspectos simbólicos das edificações estão fora do escopo de nossa análise; optamos pela comparação gráfico-formal, que mostrou importantes resultados, como veremos a seguir, e se alinha mais com a nossa expertise. O propósito do método é estabelecer correspondências formais entre as edificações, procurando um “virtual” grau de

<sup>11</sup> <http://www.fundasantos.org.br/page.php?78>. Acesso em: 03/02/2020.

<sup>12</sup> Infelizmente não tivemos acesso ao conjunto de plantas, cortes e elevações. Acreditamos que a empresa responsável pelo restauro possua esse material, o qual merece uma publicação.

“parentesco”, uma vez que a linguagem clássica se difundiu desde a Antiguidade até o presente.

### **Edifícios escolhidos para comparação**

Prédio da Antiga Alfândega, Santos, SP (fig. 6)

Localização: Praça da República, s/n - Centro, Santos/SP, CEP 11013-000

Data: 1880<sup>13</sup>

Academia Imperial de Belas Artes<sup>14</sup> (fig. 7)

Localização: Rua Jardim Botânico, 1008 - Jardim Botânico, Rio de Janeiro/RJ, CEP 22460-000.

Data: 1816-1826

Academia Pernambucana de Letras (antigo Solar Rodrigues Mendes) (fig. 8)

Localização: Av. Rui Barbosa, 1596 - Graças, Recife/PE, CEP 52050-000.

Data: 1870

Arco de Adriano (fig. 9)

Localização: Gerasa, Jordânia

Data: 129-130.

### **Análise**

A seguir faremos a análise da fachada principal da Casa de Frontaria Azulejada (fig. 5) e a compararemos com a Antiga Alfândega de Santos (fig. 6), e com dois exemplos procedentes dos berços da arquitetura neoclássica no Brasil: Rio de Janeiro (Academia Imperial de Belas Artes, fig. 7) e Recife (Academia Pernambucana de Letras, fig. 8). Por fim, também a compararemos com o monumental Arco de Adriano, localizado em Gerasa, na Jordânia, (fig. 9).

---

<sup>13</sup> Término da construção.

<sup>14</sup> Atualmente restou a remontagem parcial da fachada principal após demolição do edifício, localizada no Jardim Botânico.

### Casa de Frontaria Azulejada, Santos (fig. 5)

A fachada da Casa de Frontaria Azulejada é simétrica, e podemos dividi-la em três partes para facilitar o entendimento. A parte central é composta por dois pavimentos. No térreo, temos uma abertura para a porta encimada por um arco pleno. No primeiro andar, temos três aberturas para portas encimadas por arcos plenos. As aberturas são delimitadas por uma estreita varanda com um parapeito em grade. Acima, temos um frontão em estilo jônico ou coríntio com “arquitrave” sem friso, e a seguir temos uma linha de dentículos típicos dessas ordens arquitetônicas. A parte central, no primeiro pavimento, é encimada com um frontão de tímpano<sup>15</sup> triangular apoiado na cornija<sup>16</sup> horizontal, e fechando o triângulo temos as cornijas inclinadas.

Figura 5 - Casa de Frontaria Azulejada (1865), fotografia de 2020.



Fonte: Google Maps.

As partes laterais são compostas por três aberturas encimadas por arcos plenos, tanto no térreo como no primeiro pavimento. Estes lados estão desprovidos de frontão, contudo são encimados por arquitrave (ou platibanda), dentículos e duas cornijas horizontais dispostas em paralelo. As partes da fachada estão delimitadas por pseudo-pilastras apoiadas em pódios.

<sup>15</sup> Vide nota 4, frontão.

<sup>16</sup> É o membro superior do entablamento, e trata-se de um perfil que se projeta para frente e se apóia no friso. Tem a função de afastar as águas pluviais do alinhamento das fachadas do edifício. A cornija horizontal de frontão tem também a função de apoiar as estátuas em alto-relevo, e é composta em sua parte inferior pelo mútulo (isto na ordem dórica). Não possui calha. Já a cornija lateral possui uma cimalha ou calha que recebe as águas pluviais vindas do telhado e são coletadas em seu canal e escoadas através de orifícios feitos em várias partes da calha. Estes orifícios ou canais foram decorados com cabeças de leão e com palmetas, e são conhecidos com o nome de gárgulas.

## Prédio da Antiga Alfândega, Santos (fig. 6)

Este edifício guarda relações com a arquitetura da Casa de Frontaria Azulejada. Em termos tipológicos, podemos comparar a Casa com o bloco central da Alfândega. Podemos identificar a parte da fachada que é encimada pelo frontão triangular. Em ambas temos três aberturas, tanto no térreo como no primeiro pavimento. No térreo, temos o tema dos arcos romanos delimitados por pilastras dóricas em cima de pódios. Os arcos, em toda sua extensão, são encimados por um friso<sup>17</sup> dórico que alterna tríglifos<sup>18</sup> e métopas<sup>19</sup>, elementos característicos dessa ordem arquitetônica. Em cima deste friso temos uma cornija horizontal que delimita os dois pavimentos. Uma estreita linha corresponde a uma arquitrave. Os arcos do térreo são plenos, as aberturas do primeiro pavimento são retangulares, encimadas com molduras em formato de arcos não plenos. A ordem arquitetônica utilizada no andar superior é a coríntia com pilastras de perfil quadrado. As aberturas são limitadas por balaustradas. Em cima das colunas temos uma fina arquitrave e um largo friso liso. Em seguida, há uma fileira de dentículos e o coroamento do bloco com um frontão triangular com cornijas. Nas laterais temos uma platibanda de balaustrada com esculturas, e no frontão temos um acrotério. O edifício tem ordens sobrepostas: dórica no térreo, e coríntia no primeiro pavimento. As partes laterais da edificação possuem arcos no térreo e abertura retangular com molduras de arco pleno, que correspondem às laterais da Casa de

---

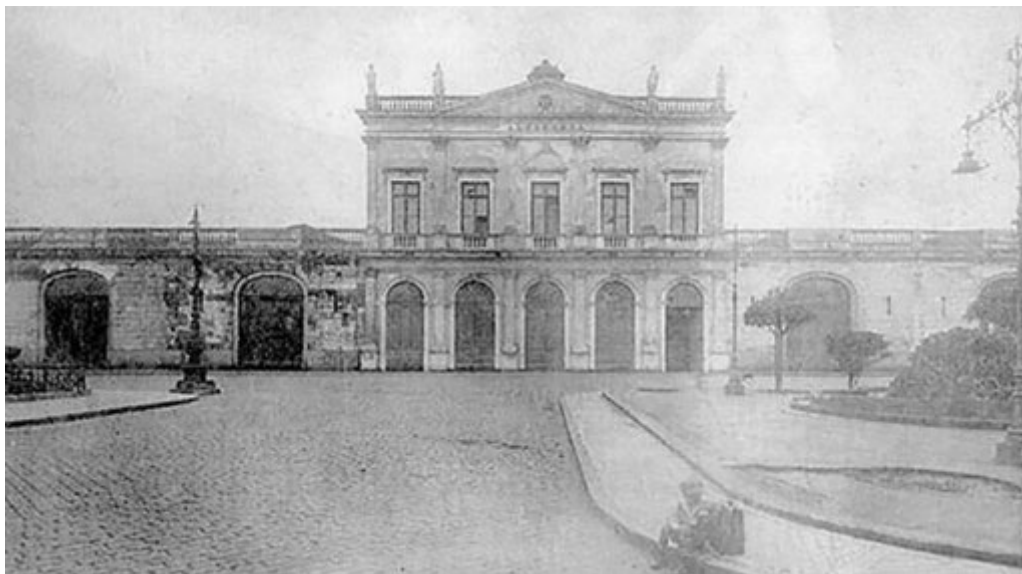
<sup>17</sup> Localizado entre a cornija e a arquitrave, na ordem dórica é composto de uma sucessão de tríglifos e métopas alternados. Normalmente são elementos independentes, mas também foram esculpido em um bloco só (ou seja, um tríglifo e uma métopa juntos). O friso absorve os esforços transmitidos pelo frontão através da cornija. Tem a função de elevar a base do frontão e é um elemento decorativo característico da ordem dórica. A distribuição desses elementos no friso é feita da seguinte forma: para cada coluna há um tríglifo alinhado com o seu eixo (exceção para os tríglifos de esquina, que não estão alinhados com o centro da coluna) e um tríglifo centralizado entre duas colunas. Entre dois tríglifos intercala-se uma métopa. Esta distribuição vale para os períodos arcaico e clássico grego, com exceções. Já no período helenístico se usam normalmente dois tríglifos entre colunas, aumentando assim o intercolúnio. Sempre as extremidades do friso são compostas de tríglifos.

<sup>18</sup> São pequenos pilares monolíticos que possuem nas laterais cavidades onde se encaixam as métopas. Sua geometria é a de um prisma reto de base retangular, e em sua face estão esculpidas duas caneluras no centro e meias caneluras nas extremidades. Os detalhes das incisões e dos perfis são variados. O tríglifo de ângulo é um dos grandes problemas na concepção do friso, pois sua largura e seu alinhamento podem sofrer alterações em relação aos outros.

<sup>19</sup> São lousas retangulares de pedra fixadas entre os tríglifos e recuadas em relação ao seu alinhamento. As mais antigas eram feitas de terracota. São espaços frequentemente destinados à representação de figuras em baixo relevo e fazem parte da escultura arquitetônica. Em alguns templos são lisas, sem representação. A métopa que se localiza ao lado do tríglifo de ângulo tem também a sua largura alterada, em consequência do problema que gera o tríglifo de ângulo comentado no item anterior.

Frontaria Azulejada. A demolição deste edifício representa uma perda inestimável para a arquitetura neoclássica imperial santista.

**Figura 6 - Prédio da Alfândega, Santos, 1880 (demolido em 1928).**



### **Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro (fig. 7)**

A Casa de Frontaria Azulejada encontra um paralelo conceitual ou uma “inspiração” na fachada da Academia Imperial de Belas Artes (1816-1826). Sua fachada simétrica pode ser dividida em três partes para a análise comparativa. No térreo, temos uma entrada monumental em forma de arco de triunfo ladeado por duas colunas em pódio. No primeiro andar, em vez de uma grade para a varanda, temos uma balaustrada<sup>20</sup>. E, em vez de arcos, temos seis colunas de ordem jônica. Sobre a colunata, o edifício possui arquitrave e friso liso. O edifício da Academia Imperial também mantém uma correspondência com a Casa de Frontaria Azulejada em suas partes adjacentes. No térreo, são alinhadas janelas em formato de arcos plenos; e no primeiro andar as janelas são em formato retangular. Em termos tipológicos, podemos dizer que são semelhantes ou equivalentes e é muito provável que o edifício de Grandjean de Montigny tenha servido de referência ao arquiteto da Casa de Frontaria Azulejada.

<sup>20</sup> Alinhamento de pequenas colunas de perfil curvo encimadas em forma de pórtico por um corrimão. Normalmente são utilizadas para delimitar terraços e balcões (FRANCISCO, 2015, p. 149).

**Figura 7 - Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1816-1826.**



Fonte: Wikimedia Commons, autor desconhecido, início do século XX.

### **Academia Pernambucana de Letras, Recife (fig. 8)**

A Casa de Frontaria Azulejada guarda também uma correspondência conceitual com a Academia Pernambucana de Letras (Solar Rodrigues Mendes, Recife/PE). A Academia é composta por dois pavimentos, não na extensão total da fachada, mas no volume central. O volume central, na altura do térreo, ostenta três aberturas em arcos plenos e quatro pseudo-pilastras em pódio que remetem à tipologia do arco do triunfo<sup>21</sup> romano. Este volume se projeta para a frente com duas aberturas em arco laterais. Esta composição é encimada por uma cornija horizontal e uma balaustrada delimitando o terraço acima. O primeiro andar tem uma tipologia idêntica à da Casa de Frontaria Azulejada: o parapeito para o terraço, três aberturas em arco pleno delimitadas por duas pseudo-pilastras em pódio, arquitrave e um frontão jônico com tímpano e cornijas. Diferente da Casa de Frontaria Azulejada, o

<sup>21</sup> Trata-se de um arco honorífico romano de um ou três arcos, normalmente utilizado para receber vitoriosos de guerra e também para pedir a vitória aos deuses (KOCH, 2014, p. 106)

tímpano apresenta um óculo<sup>22</sup> e há também uma platibanda<sup>23</sup> que oculta as águas<sup>24</sup> do telhado, sendo ainda encimadas por vasos. O frontão é encimado por um acrotério típico dos templos gregos e romanos. Vale lembrar que a balaustrada é uma invenção renascentista, não fazendo parte do repertório clássico da antiguidade. Os volumes laterais estão em um só pavimento e possuem três janelas em arco pleno que correspondem às aberturas de portas laterais da Casa de Frontaria Azulejada.

**Figura 8 - Solar Rodrigues Mendes, atualmente Academia Pernambucana de Letras, Recife / PE, 1870.**



Fonte: Wikimedia Commons, Paulo Camelo.

### **Arco de Adriano, Gerasa (fig. 9)**

Um exemplo do primeiro milênio, o Arco de Adriano, guarda estreitas correspondências arquitetônicas tanto com a Casa de Frontaria Azulejada quanto com a Antiga Alfândega, com a Academia Imperial de Belas Artes e com a Academia Pernambucana de Letras. Não há um rebatimento direto, mas sim uma correspondência de elementos de composição. O monumento comemorativo se

<sup>22</sup> Abertura na fachada para a entrada de luz em formato redondo ou em outros formatos, normalmente disposta nos frontões.

<sup>23</sup> É uma moldura utilizada na cobertura das construções com o intuito de esconder o telhado.

<sup>24</sup> Lados do telhado, os mais comuns são de duas e quatro águas.

desenvolve a partir de uma linha simétrica e é um arco do triunfo, subdividido em três arcos. O Arco de Adriano apresenta um volume central no qual uma abertura monumental é encimada por um frontão triangular provido de cornijas e um friso. A cornija possui uma associação de dentículos, como vemos na Casa de Frontaria Azulejada. Interessantes são os pódios e as colunas coríntias colossais<sup>25</sup> que delimitam a fachada. O monumento possui dois pavimentos. Nos volumes adjacentes, há aberturas em arco pleno no térreo e abertura para janelas no primeiro pavimento. As colunas, mesmo engastadas na parede, projetam-se explicitamente para a frente, diferentemente da Casa Azulejada, na qual as colunas parecem mais uma decoração, levemente projetadas. Esta análise não afirma que o Arco foi a referência para os edifícios analisados acima; contudo, quer salientar que tipologias clássicas se disseminaram no período neoclássico.

**Figura 9 - Arco de Adriano, Gerasa, Jordânia, 129-130.**



Fonte: Wikimedia Commons, Diego Delso, 2011.

---

<sup>25</sup> Colunas colossais se refere às colunas que atingem mais de um andar na edificação.



## Considerações finais

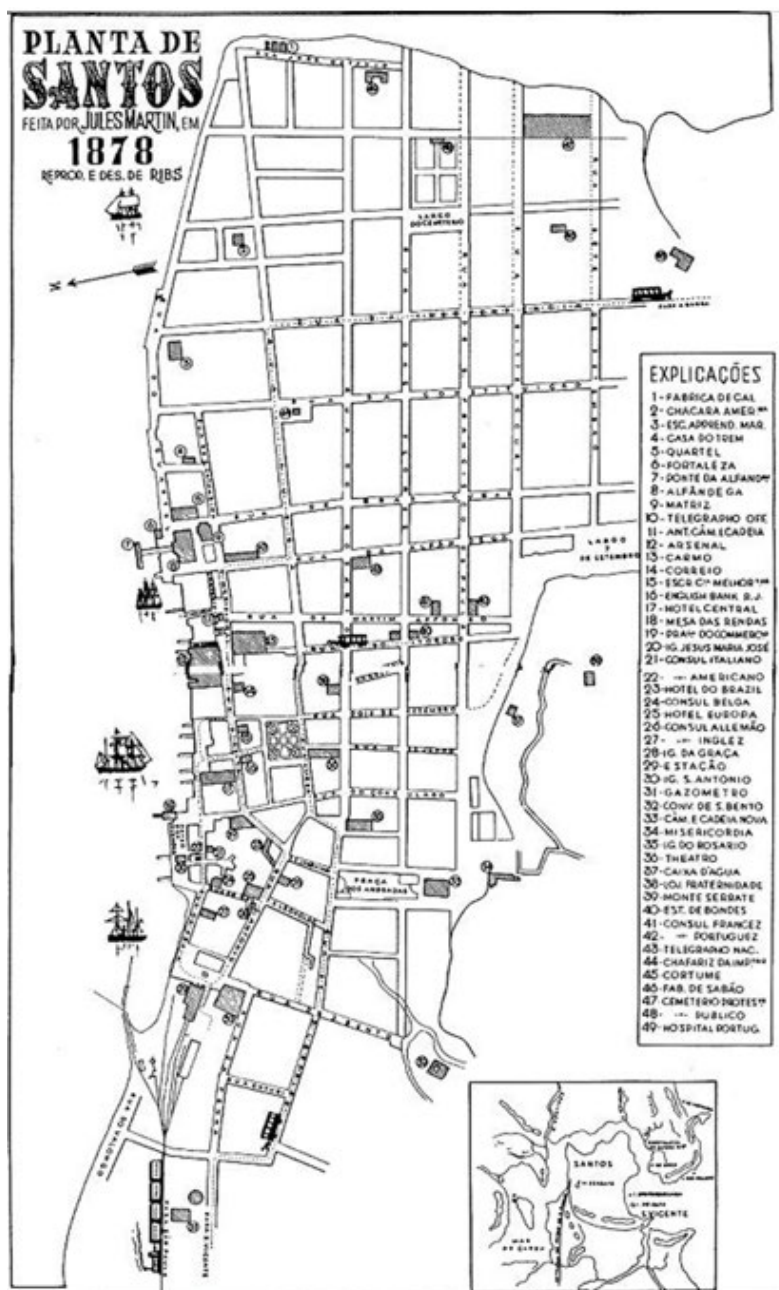
Embora o neoclássico brasileiro estivesse relativamente distanciado da discussão conceitual internacional e desajustado em termos cronológicos, este adotou, na medida do possível, os cânones que consagraram a arquitetura clássica – contudo, de maneira menos explícita do que ocorreu com o movimento na Europa. É notável que o neoclássico brasileiro tenha raramente adotado o peristilo<sup>26</sup>, elemento característico do neoclássico europeu. Em relação à fachada da Casa de Frontaria Azulejada, podemos afirmar que se trata de um edifício neoclássico tardio ou neoclássico imperial. Há em sua concepção elementos autênticos da arquitetura clássica – essencialmente o frontão triangular, o entablamento<sup>27</sup>, o arco romano e pseudo-pilastras. Nas cinco fachadas analisadas e comparadas, encontramos um fio condutor ou concepção recorrente: volume central e dois volumes adjacentes. Os elementos que caracterizam a arquitetura clássica e renascentista se correspondem. Interessante notar que o edifício da Academia Imperial de Belas Artes tem um peristilo jônico, enquanto a Casa de Frontaria Azulejada, a Academia Pernambucana de Letras e a Antiga Alfândega têm um alinhamento de três arcos romanos mantendo o mesmo ritmo no pavimento superior. O Arco de Adriano, por sua vez, tem um arco monumental que perpassa os dois pavimentos da construção. Independentemente das variações dos cinco edifícios, tanto no térreo como no primeiro pavimento, todos são encimados por frontões triangulares. Não pretendemos esgotar o assunto, e é notório que esta demanda novas pesquisas, outros estudos comparativos e análises regionais mais aprofundadas. Isso convida outros pesquisadores a seguirem por essa vereda, e deixa um caminho aberto para pesquisas futuras. O universo pesquisado pode desvendar aspectos identitários da arquitetura neoclássica que são considerados icônicos na projeção histórica da arquitetura brasileira.

---

<sup>26</sup> Nome dado à colunata que rodeia o templo.

<sup>27</sup> É a superestrutura que se apóia diretamente sobre as colunas e é formado pela associação de três elementos: arquitrave, friso e cornija. Compõe as elevações do edifício, e se posiciona nas fachadas principais entre a colunata e o frontão e nas fachadas laterais entre a colunata e a parte inferior do telhado. Chegou a ocupar  $\frac{1}{4}$  da altura da elevação principal dos templos gregos e é responsável por absorver boa parte da carga que provém da estrutura do telhado e transferi-la à colunata.

Figura 10 - Mapa da cidade de Santos de 1878.



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapasnm.htm>. Acesso em: 05/01/2020.

## Referências

CHING, Francis D. K.; JARZOMBEC, Mark; PRAKASH, Vikramaditya. **História global da arquitetura**. São Paulo: WMF Martins Fontes/Senac, 2016.

CASA DE FRONTARIA AZULEJADA. Disponível em: <http://www.fundasantos.org.br/page.php?78>. Acesso em: 03 fev. 2020.

CONDEPASA. **Relação de imóveis tombados.** (s/d)

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000a.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000b.

DUARTE, Claudio Walter Gomez. **Geometria e aritmética na concepção dos templos dóricos gregos.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. **Ecletismo Paulista. Breve introdução à arquitetura clássica em São Paulo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

KOCH, Wilfried. **Dicionário de estilos arquitetônicos.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LAUGIER, Marc-Antoine. **Essai sur l'architecture.** Paris (França): Duchesne, 1753.

LE ROY, Julien David. **Les ruines des plus beaux monuments de la Grèce.** Paris (França): Guerin & Delatour, 1758.

MARQUES JÚNIOR, Armando Ferreira; DE CARVALHO, Anna Cristina Rodopiano. **Inventário de estilos arquitetônicos da cidade de Santos.** Santos: E&M Ensino e Memória Produções Editoriais, 2011.

ROTH, Leland M. **Entender a arquitetura. Seus elementos, história e significado.** São Paulo: G. Gili Ltda., 2017.

ROZESTRATEN, Artur Simões. Um demônio alado e o arquiteto: aspectos do entendimento da concepção da arquitetura no início do século 19. **Pós**, v. 18, n. 30, p. 70-86, 2011.

SOUSA, Alberto. **Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame**. São Paulo: PINI, 1994.

STUART, James; REVETT, Nicholas. **The antiquities of Athens**. London (Inglaterra): John Haberkorn, 1762.

SUMMERSON, John. **A linguagem clássica da arquitetura**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VITRÚVIO. **Tratado de arquitetura**. Trad. M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINCKELMANN, Johann Joachim. **Reflections on the imitation of Greek Works of art in painting and sculpture**. London (Inglaterra): A. Miller & T. Cadell, 1767.